

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO**

TATHIANA MEGRICH

**A CRIANÇA TÍMIDA:
DESAFIOS E CAMINHOS DE SUPERAÇÃO.**

**SÃO PAULO
2012
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO**

TATHIANA

**A CRIANÇA TÍMIDA:
DESAFIOS E CAMINHOS DE SUPERAÇÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação, curso de Pedagogia, como exigência parcial para obtenção do diploma de Pedagogo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marília Marino.

**SÃO PAULO
2012**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais que confiaram no meu potencial para esta conquista. Não conquistaria nada se não estivessem ao meu lado. Obrigada, por estarem sempre presentes em todos os momentos, me dando carinho, apoio, incentivo, determinação, fé, e principalmente o amor de vocês. E com certeza, também a professora Marília Marino, que com muito esforço e dedicação me orientou para que chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudar nessa longa jornada.
Principalmente aos meus pais que sempre me deram total apoio e a minha coordenadora que sempre esteve me orientando com muito carinho.

“Mantenha seus pensamentos positivos, porque seus pensamentos tornam-se suas palavras. Mantenha suas palavras positivas, porque suas palavras tornam-se suas atitudes. Mantenha suas atitudes positivas, porque suas atitudes tornam-se seus hábitos. Mantenha seus hábitos positivos, porque seus hábitos tornam-se seus valores. Mantenha seus valores positivos, porque seus valores... Tornam-se seu destino.”

Mahatma Gandhi

RESUMO

MEGRICH, Tathiana, A Criança Tímida - Reconhecendo desafios e caminhos de superação. 2013. __f. Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado a Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP. 2013.

Este trabalho visa compreender a criança tímida, reconhecendo desafios e apontando caminhos de superação, explicita assim, a importância do tema para o trabalho do educador. A fundamentação teórica é iniciada com Charlot e Rogers que preparam o caminho, apontando a abertura do ser humano para o “aprender a ser” e o lugar do educador nessa aventura, de favorecer o desenvolvimento da sociabilidade do educando. Jacob Levy Moreno pai do Psicodrama e particularmente sua Teoria da Matriz de Identidade e de construção dos Papéis contribui, focando o desenvolvimento sócio-afetivo da criança e a busca da espontaneidade-criatividade pessoal e social vivida em relação. Os estudos específicos sobre a timidez ou retraimento social, centram-se nos especialistas Monjas e Caballo que com seu trabalho terapêutico voltado para a identificação e explicitação de comportamentos, chamam a atenção sobre a importância do trabalho conjunto entre educadores e pais, em ações preventivas. Os autores disponibilizam procedimentos de avaliação e propostas que favorecem a superação da timidez. Apresenta-se também um estudo piloto, como pesquisa qualitativa inicial, realizado com quatro professoras da Educação Infantil que foram solicitadas a responder a cinco questões em situação de entrevista. Os dados de campo evidenciam a importância de se conhecer o contexto de vida da criança, o cultivo de vínculos e de ações estimuladoras para favorecer seu desenvolvimento sócio-afetivo, no que reafirmam os indicadores dos estudos teóricos.

PALAVRAS - CHAVE: Timidez - Educação Infantil – Sociabilidade

ABSTRACT

Megrich, Tathiana, The shy child – Recognizing challenges and ways of overcoming. 2013. __f. Final Paper, presented to the educational college, pedagogy class, of the “Pontifícia Universidade Católica de São Paulo”-PUC/SP. 2013.

This work aim to understand the shy child, recognizing their challenges and their ways of overcoming, showing their importance to the educator’s job. The theoretical grounding is initiated by the authors Charlot and Rogers, whose prepared the way, setting the opening of the human being to the “learn to be” and the educator’s spot in this adventure, in favor for the development of the student’s sociability. Jacob Levy Moreno, father of the psychodrama and his theory of identity matrix and construction of roles, help, focusing the develop socio-emotional of the child and the search for personal and social spontaneity-creation lived. The specify studies about shyness or social withdrawal, focusing on the specialists Monjas and Caballo, whose therapeutic work on the identification and explicitness of behaviors, call attention about the importance of working together between educators and parents, in preventive actions. The authors provide evaluation procedures and proposal that favor the shy overcome. It also shows as a pilot study, such as initial quality research, realized with four child’s educational teachers that were solicited to answer to five questions in an interview mode. The field data shows the importance of knowing the context of the child life, the cultivation of ties and stimulatory actions to promote their socio-emotional development, in what is confirmed by theoretical studies.

Keyword: Shyness – Child education - Sociability

Lista de Quadros

pag.

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - O educador diante da expressão da criança..... | 47 |
| Quadro 2 - O educador e as amizades da criança..... | 48 |
| Quadro 3 - O educador e as disputas das crianças..... | 49 |
| Quadro 4 - O educador e o estímulo a autonomia..... | 50 |
| Quadro 5- O educador e a exposição da criança..... | 51 |

SUMARIO

| | | |
|------|---|------|
| I. | INTRODUÇÃO | Pág. |
| | 1. Da minha trajetória pessoal-profissional ao tema do TCC..... | 9 |
| | 2. Desenho da pesquisa..... | 12 |
| II. | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | |
| | 1. Educação e o Papel do Educador..... | 14. |
| | 2. Uma visão sobre o desenvolvimento sócio afetivo | 19 |
| | 3. O fenômeno da Timidez e sua Superação..... | 23 |
| | 3.1. Timidez e Complexidade..... | 27 |
| | 3. 2. Descrição do fenômeno e sua diferenciação..... | 28 |
| | 3.3. Abordagens para a compreensão da Timidez..... | 33 |
| | 3.4. Perspectivas de Superação..... | 37 |
| III. | FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS | |
| | 1. Natureza da pesquisa..... | 43 |
| | 2. Contexto..... | 43 |
| | 3. Sujeitos..... | 46 |
| | 4. Procedimento e Instrumento..... | 46 |
| | 5. Cuidados éticos na pesquisa com seres humanos..... | 46 |
| IV. | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DE CAMPO | |
| | 1. Apresentação dos Dados..... | 47 |
| | 2. Discussão articulando teoria e prática | 52 |

| | | |
|----|---------------------------|----|
| V. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 56 |
|----|---------------------------|----|

| | | |
|-----|---------------------------------|----|
| VI. | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 58 |
|-----|---------------------------------|----|

ANEXOS

| | | |
|----|------------------------------------|----|
| 1. | Tabela A - Dados dos Sujeitos..... | 60 |
|----|------------------------------------|----|

| | | |
|----|--------------------------------|----|
| 2. | Roteiro para a Entrevista..... | 61 |
|----|--------------------------------|----|

| | | |
|----|---|----|
| 3. | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) | 62 |
|----|---|----|

I. INTRODUÇÃO

1. Da minha trajetória pessoal – profissional ao tema deste trabalho

Você consegue se lembrar da última vez em que você entrou numa sala cheia de estranhos e se sentiu constrangido e desajeitado? Ou daqueles momentos em que seu coração dispara quando você queria chamar uma pessoa para sair, mas estava tímido demais? Você sempre se sente como se estivesse algo te segurando?

Pois é, eu sempre fui tímida quando criança. Até brincava com outras crianças em casa, só que lembro que nunca tomava a iniciativa para falar com elas, era sempre o oposto. Até na escola era difícil eu falar com muitas pessoas, conversava com umas três ou quatro da sala somente. Isso ocorria também no curso de inglês: mesmo as turmas sendo pequenas, eu ainda não falava com todo mundo.

Esta dificuldade em me expressar em público fazia com que eu me sentisse incapaz de conseguir algo, e isso acabava refletindo em minha autoestima. Sempre tinha a sensação de que ao entrar em algum local, todas as atenções se voltavam para mim e para minha timidez. Se alguém falava alguma coisa é sobre mim, se algum gesto era feito, era referente a mim.

Para um tímido, todas as pessoas e inclusive o destino, fazem algo para embaraçá-lo todo o tempo. O tímido vive imaginando a próxima “gafe” que poderá cometer um tropeço, uma queda, a possibilidade de ser acusado por algo que não fez, e tem certeza que muito em breve, vai acontecer. O que mais teme, o que lhe deixa apavorado: uma pessoa lhe passar a palavra. O tímido tenta aceitar o fato de que seu problema é com multidão, mas para ele isso não é vantagem, já que a presença de duas pessoas o faz pensar que está diante de uma multidão.

Ele sempre acha que é o centro do universo e que seu “vexame” será lembrado para sempre.

“A maior prisão em que o ser humano vive é o medo do que as outras pessoas irão pensar”... Essa era uma frase que sempre esteve comigo!

Muitas vezes a maioria dos tímidos, quando se encontra em uma atividade social, com amigos ou pessoa desconhecida, fica pensando em como agradar as pessoas, esforçando-se inutilmente e sua atitude acaba soando estranho ou mesmo egoísta.

Eu já tinha tentado inúmeras vezes em minha vida, o caminho de perder a timidez, mostrar-me a mais eficiente, a melhor, ou pelo menos parecer interessante falando, mas a sensação era de estranhamento.

Acredito que você possa estar agora se identificando com isso, lembrando-se das inúmeras vezes em que quis parecer “legal” com os desconhecidos e colegas de trabalho, mas não fluiu. Pude perceber que por mais que a gente pense em ser “legal”, mais tenso nós ficamos, e quando se fica tenso, estressado, a capacidade mental se reduz a níveis muito baixos, e a sensação é de estranhamento. Aprendi que o que se precisa fazer é relaxar com a situação, focar na sua observação e respiração e depois disso voltar a falar.

Teve uma situação bastante parecida quando iniciei meu curso de Teatro na 7° serie. O grupo era composto por vinte (20) pessoas, e todos nós estávamos nos apresentando. Estava nervosa pensando no que eu ia falar e no que as pessoas estavam falando, eu não conseguia chegar a nenhuma conclusão, e também não prestava atenção em ninguém, até que chegou minha vez de falar e fui completamente estranha.

Tentando me conscientizar de que eu apenas iria me apresentar e ninguém faria algum comentário ao meu respeito, respirei fundo e relaxei meu corpo, meus ombros e deixei de ser reativa. Parei de dar risada de tudo para mostrar que era “legal” e deixei todos os problemas da minha mente se esvaziarem.

Em um tempo de cinco (5) minutos as pessoas já estavam me dando atenção, e espontaneamente lembre -me de piadas, de sacadas que tive na hora e que fez todos rirem. Assim, fiz amizades porque prestava atenção nas

pessoas, fiz as atividades e completamente relaxada deixei acontecer. Isto fez a diferença!

Precisei deixar a minha mente em paz, para que ela trabalhasse.

Cheguei à conclusão de que é fundamental cultivarmos o “estar à vontade” para lidarmos com as situações e isto envolve a auto-confiança.

A escolha pela Pedagogia traz a necessidade de nos desenvolvermos em nossa comunicação como responsáveis pela formação das novas gerações e tenho me lançado nesta conquista, dia a dia.

Junto com a faculdade fiz alguns estágios/trabalho em que percebi vários casos de timidez. Por exemplo, na sala em que estou trabalhando atualmente.

São crianças de dois anos. Fazemos a roda de rotina todos os dias, e esse é um momento em que percebo que uma das alunas não consegue se expressar quando todos estão olhando para ela. Perguntamos o que eles fizeram no final de semana? Qual é a cor do seu tênis? Quem é que está faltando hoje na escola? E enquanto todos estão respondendo com muita vontade pensando raciocinando e desejando estar participando da conversa, ela apenas fica sentada observando quieta. Quando perguntamos algo para ela é como se ela não estivesse escutando e apenas nos ignora.

O que será que acontece, pois ela não consegue se expressar em público, mas quando está sozinha com outras crianças, ela conversa livremente “sem medo de ser feliz.”

Eu como educadora me sinto na obrigação de observar e relatar casos em que eu possa agir, ou ao menos, encaminhar a algum profissional caso haja algum comprometimento que vá além da questão relacional observada.

No caso dessa criança que citei, pergunto-me como posso favorecer sua socialização, do lugar de educadora que se empenha em favorecer desenvolvimento e aprendizagem das crianças. E com certeza com esse TCC

me aprofundarei mais sobre o assunto para poder não ajudar somente a ela, como muitas crianças que também estão nessa situação.

Como educadora, o tema que temos no horizonte é então “Educação e a superação da Timidez”.

2. Desenho da Pesquisa

A partir das considerações colocadas acima e do nosso papel de educadora preocupada com o desenvolvimento social e afetivo da criança, chegamos à questão disparadora:

Como o educador pode favorecer a superação da timidez no processo de desenvolvimento e socialização da criança?

Partimos do pressuposto que o educador que se coloca como facilitador e mediador nas relações, garantindo a construção de vínculos, cria uma atmosfera de aceitação e acolhimento favorecedora à superação da timidez. Como isso se dá na realidade?

Para investigar nossa questão disparadora além do estudo teórico também realizamos um estudo piloto, indo há campo entrevistando alguns professores. Este estudo piloto caracteriza-se como um passo exploratório de uma pesquisa qualitativa em que nos voltamos para a fala dos sujeitos diante de alguns desafios, remetendo-as a elaboração de suas experiências.

Objetivos.

Geral: Compreender o fenômeno da timidez e suas manifestações, tendo em vista favorecer ao educador identificá-lo quando ocorre e o se apropriar de possibilidades de superação, diante de seu compromisso com o aprendizado e desenvolvimento do educando.

Específicos:

- Estudar as manifestações do fenômeno “timidez”, sua caracterização e abordagens a partir do levantamento bibliográfico sobre a temática;
- Investigar na forma de um estudo piloto, como professores da Educação Infantil lidam com desafios ligados à autonomia e à socialização da criança.
- Levantar possibilidades de se lidar com o fenômeno, considerando uma visão de Educação e de desenvolvimento sócio afetivo, voltados para a construção da pessoa.

Estrutura do Trabalho

Para a construção do trabalho, tendo em vista seus objetivos, o caminho percorrido foi:

- No Capítulo I – Introdução, que acabamos de concluir, apresentamo-nos em nossa Trajetória, de onde emergem nossas preocupações e trazemos o desenho da pesquisa.
- No capítulo II – Fundamentação Teórica- Inicialmente trazemos nossa visão de educação e o papel do educador a partir das contribuições de Carl e Rogers e sua proposta de uma educação voltada para construção da pessoa, tendo também no horizonte a contribuição de Paulo Freire e a formação do cidadão. Em seguida abordamos as contribuições de Jacob Levy Moreno com relação ao desenvolvimento sócio afetivo da criança. Finalizamos nosso referencial teórico com os estudos que abordam a questão da timidez.
- No capítulo III- Fundamentos Metodológicos explicitamos a natureza da pesquisa qualitativa, trazemos o contexto onde foi realizada, os sujeitos entrevistados, o procedimento e o instrumento (roteiro de entrevista) utilizados e finalmente considerações sobre os cuidados éticos que envolvem a pesquisa com seres humanos.
- No capítulo IV- apresentação e discussão dos dados de campo em um primeiro momento os dados das entrevistas são apresentados, seguidos de

uma primeira leitura realizada pela pesquisadora. Em um segundo momento, discutimos os dados encontrados relacionando teoria e prática.

-No capítulo V- Considerações finais resgatamos o caminho percorrido considerando de onde partimos onde chegamos e perspectivas para outros estudos.

Seguem as Referencias Bibliográficas e anexos

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.A Educação e Papel de Educador

Muitos pensadores têm marcado nosso percurso na caminhada de nos tornarmos educadora. Iniciamos a fundamentação teórica do trabalho, trazendo os autores Charlot e Rogers, que pelas suas posições, preparam o caminho para abordarmos nosso tema específico sobre “a timidez”, apontando a abertura do ser humano para o “aprender a ser” e o lugar do educador nessa aventura, de favorecer o desenvolvimento da sociabilidade do educando.

De acordo com Bernard Charlot em sua abordagem antropológica, o homem não é, deve tornar-se o que deve ser; para tal, deve ser educado por aqueles que suprem sua imaturidade inicial e deve educar-se, “tornar-se por si próprio”. “(...) a essência originária do indivíduo humano não está dentro dele mesmo, mas, sim fora, em uma posição excêntrica, no mundo das relações sociais”. (CHARLOT, 2000, p. 52)

A condição humana não traz apenas o desafio de ser, na criança que nasce, é também o ingresso em um mundo em que “o humano” se apresenta sob a forma de outros homens e de tudo que foi construído pela espécie humana anteriormente. A educação se dá nessa apropriação, sempre parcial, de uma essência excêntrica do homem.

Nascer significa estar submetido à tarefa de aprender. Aprender para construir-se, em um processo que caminha junto, de “hominização” (tornar-se homem) de “singularização” (tornar-se um exemplar único de homem) e de “socialização” (tornar-se membro de uma comunidade, compartilhando seus valores e tendo um lugar nela). Quem sou eu? Quem é o mundo? Quem são os outros? Nascer requer lidar com essas questões a que a Educação possibilita responder, ao favorecer a entrada em um conjunto de relações e processos que nos inserem em um sistema de sentidos.

“Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros, esse movimento longo, complexo, nunca completamente acabado que é chamado educação”. CHARLOT, 2010,

p. 53. Ou seja, educação significa o meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se desenvolvendo através de situações presenciadas e experiências, vividas pelo sujeito ao longo da sua vida. Acontece com a mediação do outro.

A criança é ao mesmo tempo a “matéria prima” e quem age no processo, processo que os educadores concebem e mediam tendo em vista o sujeito que está em construção. Ela nasce inacabada, e vai se aperfeiçoando a partir do momento em que chega ao mundo e vive experiências que possibilitam o ter que dar conta de ser.

Este processo desenvolve-se no tempo e implica atividades. Para haver atividade, a criança precisa mobilizar-se, como ser que se deixa atrair pelo mundo humano. A mobilização implica que a situação apresente um significado para ela. Daí a importância do educador em seu esforço de iniciar a criança no mundo dos saberes sistemáticos, considerar a “mobilização, a atividade e o sentido”.

Após as considerações de Charlot, trazemos Carl Rogers que em sua abordagem psicológica, favorece a nos determos sobre as relações educador-educando.

O objetivo de nosso sistema educacional desde a escola maternal até a pós-graduação, deveria basear-se da natureza dinâmica de nossa sociedade, uma sociedade caracterizada por mudança, não por tradição, por processos e não por rigidez estática.

As relações que se estabelecem nesse sistema precisariam se desenvolver em um clima propício ao crescimento pessoal. Um clima em que a inovação não seja atemorizadora, em que capacidades criativas de todos os interessados possam ser alimentadas e expressas e não, abafadas. Dessa forma, o estudante, o professor e todos os envolvidos no processo de educar, podem ter a oportunidade de exercitar o máximo esforço experiencial possível, em sua busca de crescimento pessoal.

De acordo com Rogers o ponto final de nosso sistema educacional deve ser o desenvolvimento de pessoas “plenamente atuantes”.

O único homem educado é o homem que aprendeu a aprender, o homem que aprendeu a adaptar-se e mudar, que percebe que nenhum conhecimento é seguro e que só o processo de buscar conhecimento é seguro e que só o processo de buscar conhecimento dá alguma base para segurança. (ROGERS, 1978, p. 176-177).

O autor defende que para se poder aprender, a ênfase recai menos nas aptidões particulares dos líderes, do seu conhecimento, seu planejamento curricular, aprendizagens programadas, aulas e relatórios e muito mais, nas atitudes do professor visto como “facilitador da aprendizagem”. De fato um facilitador de aprendizagem é principalmente em relação ao aprendiz – “um recurso”. Como um recurso vivo, o facilitador só pode funcionar em uma relação significativa que deve ser de primordial importância em qualquer cenário educacional.

Rogers discerniu certas qualidades atitudinais que existem na relação interpessoal entre facilitador e aprendiz. É nelas que repousa a facilitação da aprendizagem significativa. A primeira dessas atitudes essenciais é a *realidade*. O professor para ser um facilitador precisa despojar-se do papel de “O professor” e tornar-se uma pessoa real com seus alunos. Ele precisa aceitar em si próprio e não esconder de seus alunos se está entediado, zangado, entusiasmado. Reconhecendo suas emoções pode estar assim livre para compartilhar, sem precisar impor sua atmosfera emocional aos seus alunos.

Um bom exemplo dessa atitude de realidade é o pré-requisito do *autoconhecimento*, como uma história que Rogers comenta de uma professora que não estava satisfeita em trabalhar em uma sala de aula que se apresentava muito suja e a professora se sentiu extremamente incomodada. Com isso ela apenas falou para seus alunos se eles junto com ela não podiam

fazer uma limpeza na sala. Esta professora foi autêntica, no sentido de reconhecer seus sentimentos e a necessidade da limpeza. Ela não fez julgamento, os estudantes não foram repreendidos por serem maus. A falta de limpeza não foi equiparada à qualquer “absoluto moral”. Os estudantes responderam por respeito a uma necessidade. Eles também foram autênticos e professores e alunos foram ao mesmo tempo livres e responsáveis.

A segunda atitude é a *confiança e aceitação* de outra pessoa, como indivíduo digno e valioso. Isto envolve preocupação, mas não de natureza possessiva ou controladora. É a aceitação do outro como pessoa separada, como sendo digna por seu próprio direito e como merecedora da plena oportunidade de buscar, experimentar e descobrir aquilo que é engrandecedor do eu. Um professor que experimenta essa atitude de confiança pode aceitar, de uma maneira sem julgamentos, a apatia, desejos excêntricos a até mesmo a rejeição das sugestões do professor, assim como um esforço para alcançar os objetivos escolhidos. Confiando no estudante o professor está expressando efetivamente sua própria confiança e fé essenciais na capacidade de seu próprio ser.

E por ultimo, em qualquer relação voltada para a aprendizagem, precisa haver *comunicação* entre as pessoas envolvidas. Os estudantes precisam ser compreendidos não avaliados nem julgados.

Rogers concluiu que essas atitudes que ele especificou não são apenas eficazes na facilitação de mais profunda aprendizagem e compreensão, mas também que essas atitudes caracterizam professores que são considerados eficientes e que os alunos desses professores aprendem mais.

Não é nada fácil cumprir todas essas atitudes, mas é só com essa confiança que a aprendizagem é facilitada. Um facilitador trabalha na hipótese de que:

(...) qualquer estudante que esteja em contato real com problemas considerados relevantes para ele próprio, desejará aprender, crescer, descobrir, criar, tornar-se autodisciplinado (ROGERS, 1978, p.180).

Assim, a espécie de aprendizagem que está sendo facilitada dentro dessa relação interpessoal será auto iniciada. Rogers considera aprendizagem como tendo sido facilitada quando o estudante participa responsavelmente do processo. Aí constatamos a relação com Charlot (2000) e suas palavras chave: *mobilização, atividade e sentido*.

A atmosfera da sala de aula precisa, portanto, ter o estudante como centro. Cabe ao facilitador tentar extrair do estudante aqueles problemas que são reais para ele.

Quando é dada às crianças liberdade responsável, em um clima de compreensão e amor não possessivo, elas escolhem com sabedoria, aprendem com entusiasmo e desenvolvem atitudes autenticamente sociais. (ROGERS, 1978, p.182).

Rogers sugere que no ambiente educacional seja criado *o grupo de encontro* – momento em que os atores do processo educativo possam trabalhar a própria capacidade como participantes, aprimorando sua liderança educacional desenvolvendo as atitudes, através das relações interpessoais, que facilitem a aprendizagem, considerando a pessoa inteira. Professores serão mais capazes de ouvir estudantes, especialmente em seus sentimentos. Terão probabilidade de eliminar dificuldades interpessoais com estudantes em lugar de tornarem-se punitivos e disciplinadores.

A atmosfera da sala de aula irá se tornar mais propícia à espontaneidade, ao pensamento criativo, ao trabalho dirigido independente e será mais igualitária. Estudantes descobrirão sua própria responsabilidade individual por sua aprendizagem, terão mais energia para se dedicar à aprendizagem e se sentirem mais livres para seguir aqueles caminhos escolhidos por eles mesmos. O temor respeitoso do estudante pela autoridade, ou sua rebelião contra autoridade irão diminuir à medida que for feita a

descoberta de que professores são afinal de contas humanos, falíveis, imperfeitos, mas também se esforçam para construir relações significativas e que favoreçam o crescimento.

Tendo em vista o que Rogers pensa, podemos associar à questão da timidez. Como será que um aluno que tende a ser tímido se comportará em uma sala de aula como essa? Com o professor se dedicando ao máximo, se esforçando para poder entender cada aluno, não só como aluno, mas como ser humano, com sentimentos, suas questões e seus problemas específicos? Não seria muito melhor se todos fossem assim? Com certeza o aluno se sentirá muito mais acolhido, sabendo que poderá se expressar e que sempre terá alguém ali, ouvindo suas respostas e seus pensamentos. A aula com certeza fluirá muito melhor.

2. Uma visão sobre o desenvolvimento sócio afetivo da criança

Dando continuidade aos nossos fundamentos teóricos trazemos agora a contribuição de Jacob Levy Moreno (1899-1974) – pai do Psicodrama, focando particularmente sua Teoria da Matriz de Identidade e a construção dos Papéis.

O autor aponta a necessidade de se construir uma teoria do desenvolvimento que vá além das referências conhecidas e que contemple a questão da *espontaneidade-criatividade*, como possibilidade humana de abertura à vida. Os autores estudados até aqui, mencionam também a importância destes conceitos, o que reafirma nossa busca pela autonomia da criança em seu processo de “hominização, socialização e singularização” (CHARLOT, 2010) – horizonte de trabalho do educador “real, voltado para o auto-conhecimento, que se comunica e aceita/não julga, o educando” (ROGERS, 1978).

Para MORENO (1975), *Matriz de Identidade* é o lugar onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com outros objetos e pessoas dentro de um determinado clima. Este meio é constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos. Considera-a como o *locus nascendi*, a placenta social que envolve a criança, pois aí se estabelece a comunicação entre a criança e o

universo social em que a mãe (ou quem a substitua) faz a primeira mediação. Antes mesmo da chegada do bebê esse “lugar” começa a ser preparado.

“Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de *aprendizagem* emocional da criança”. (MORENO, 1975, p.112). Daí a importância de lançarmos um olhar sobre ela.

Fundamentamo-nos em GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA (1993, p. 59-74), estudiosos de Moreno, para sistematizar as etapas de desenvolvimento dessa Matriz que vai se diluindo conforme se ampliam nossas relações sociais.

Ao nascer a criança se encontra no *Primeiro Universo*, com ênfase em *papéis psicossomáticos (ingeridor, urinador, defecador)* ou proto-papéis. Este primeiro universo está dividido em dois tempos:

1º. Tempo do Primeiro Universo, ou período de Identidade total: a criança não diferencia pessoas de objetos e nem fantasia de realidade; o tempo é vivido no presente; todas as relações são de proximidade; apresenta “fome de atos” e não há sonhos, pois ao não diferenciar objetos de pessoas, não realiza registros. Corresponde à *Matriz de Identidade Total Indiferenciada* - o ser se confunde com o meio;

2º. Tempo do Primeiro Universo ou período de Identidade total diferenciada: há um decréscimo da fome de atos; começa a diferenciar objetos de pessoas; surgem certos registros de sonhos; as relações começam a ter certa distância (rudimentos de percepção télica: o perceber o outro e o dar-se a perceber). Corresponde à *Matriz de identidade total diferenciada* - aqui o indivíduo começa a perceber o meio;

O *Segundo Universo* surge com a marca de uma “brecha entre a realidade e a fantasia”, por volta dos 3 anos. A partir daí, os indivíduos começam a desenvolver dois tipos de papéis: *papéis sociais e papéis psicodramáticos*, os primeiros mais ligados à realidade e os últimos, mais relacionado à fantasia e à interioridade. Corresponde à *Matriz de Identidade da Brecha entre Fantasia e Realidade*.

Ao final de suas formulações sobre o que considera uma “hipótese” – os estudos sobre a teoria da matriz de Identidade – Moreno chega a três (3) fases fundamentais:

Primeiro Universo:

- 1º. Momento: Identidade do Eu com Tu - identidade total indiferenciada, ou fase do DUPLO.

Pessoas e objetos, incluindo a própria criança, são experimentados como um todo só, indivisível. A criança necessita de um *ego auxiliar* que faça para ela aquilo que ela ainda não é capaz de fazer sozinha, que identifique suas necessidades.

- 2º. Momento: Reconhecimento do eu, ou fase do ESPELHO.

A descoberta da própria imagem pela criança no espelho ou na água gera estranhamento e propicia o surgimento de dois movimentos, a saber: o de concentrar a atenção em si mesma, esquecendo-se do outro e o de concentrar a atenção no outro, ignorando a si mesma. Aqui já diferencia pessoas de objetos, mas ainda não diferencia realidade e fantasia.

Segundo Universo:

- 3º. Momento: Reconhecimento do Tu, ou fase da INVERSÃO DE PAPÉIS.

Por volta dos 3 anos a criança torna-se capaz de reconhecer o outro e assim também se torna capaz de tomar o seu papel, começando a haver a inversão concomitante de papéis. Nesta fase, desenvolve-se a construção de imagens e a criança começa a formar a diferenciação entre coisas reais e coisas imaginadas. É o surgimento do que Moreno intitulou como “**brecha entre fantasia e realidade**”. Desta divisão, surgem gradualmente dois mundos com os quais a criança passa lidar: aquele em que ela estabelece relações com pessoas, coisas e metas presentes em um ambiente real (os papéis sociais); e outro com pessoas, coisas e metas que ela imagina (os papéis psicológicos/ psicodramáticos).

A presença e atuação destes dois tipos de papéis completam as condições para o surgimento do “eu”, que para Moreno, “emerge dos papéis”.

Trata-se de um momento especial: “O jogo simbólico, nessa fase, é bastante importante, pois possibilita à criança representar papéis nas brincadeiras de faz-de-conta, e assim ir consolidando a percepção dos mesmos” (PUTTINI, 1997, p. 18).

A autora acima que desenvolve as considerações de Moreno em relação à Educação, chama a atenção que gradativamente ao longo da infância a criança irá perceber o grupo e sua participação como membro integrante do mesmo; a matriz inicial vai se diluir, mas os modos de relação aprendidos, vão permanecer internalizados, daí a importância de uma ação do educador que considere a criança protagonista do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a expressão de sua espontaneidade. Zelando para que este encontro com as *conservas culturais* (o que já foi criado pelo ser humano) possa ser redescoberto, fazendo sentido para o educando.

O educador prepara o palco, mas a ação precisa ser da criança. O professor considera suas necessidades como “ego auxiliar” e favorece seu encontro com as coisas e com o outro, por meio da ação dramática, promovendo aprendizagem vivencial e significativa. Possibilita assim, que formas de aprender não se tornem elas próprias “conservas” – modos de agir que tolem a espontaneidade-criatividade.

Estamos diante de uma nova visão sobre desempenho de papéis: “(...) papel é a unidade de condutas inter-relacionais, observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social.” (GONÇALVES, WOLFF E ALMEIDA, 1997, p. 68).

Papéis expressam o “eu” e também o coletivo. Cabe, pois, recriá-los: - desafio constante ao educador.

3. O fenômeno da Timidez e sua superação

A importância das relações interpessoais para o desenvolvimento infantil, face ao funcionamento psicológico e aprendizagens de várias ordens, têm sido evidenciada nas últimas décadas em pesquisas de várias abordagens e autores, como vimos, despertando interesse sobre o tema das habilidades de interação social na infância e na adolescência.

Mesmo assim, não encontramos conhecimentos suficientes sobre as dificuldades de relação interpessoal na infância e concretamente sobre as crianças com baixa taxa de interações, sobre as crianças que interagem com seus pares com muito menos frequência do que seria o esperado para sua faixa etária, sobre os que apresentam ansiedade e medo diante dos outros e os que tendem a evitar o contato social. Geralmente essas crianças são rotuladas como tímidas, retraídas, isoladas ou inibidas, inclusive por seus professores e familiares.

As famílias não procuram ajuda terapêutica considerando que “nasceram assim”, ou o problema vai melhorar com a idade. No contexto escolar, os professores as identificam como “caladas” ou “temerosas”, mas como não geram distúrbios no ambiente, não chegam a vê-las como sujeitos com problemas.

Dessa forma, neste tópico, vamos nos voltar sobre a questão da timidez e do retraimento social, em busca de uma visão atualizada que alerte pais e educadores. Não esgotamos a temática, conscientes de sua amplitude, mas esperamos trazer alguma luz sobre a complexidade do fenômeno, como pode ser descrito, as abordagens que contribuem para a sua compreensão e como podemos avaliar tais comportamentos, em busca de sua superação, na forma de ações preventivas.

Os autores trabalhados até aqui, centram sua atenção de forma geral no desenvolvimento das relações socioafetivas e não no “problema”; partem do pressuposto de se fazer uma “aliança com a vida”, confiando na construção de vínculos, para a superação da timidez ou retraimento social.

Mas o que dizer sobre o que se considera *personalidade introvertida* ou *extrovertida*? Estas categorias ganharam popularidade com a obra de Carl Jung (1875 – 1961).

O teórico da personalidade nos diz que cada indivíduo pode ser caracterizado como sendo primeiramente orientado ou para seu interior ou para o exterior. A energia dos introvertidos segue de forma mais natural para seu mundo interior e a dos extrovertidos para o mundo externo.

Ninguém é puramente introvertido ou extrovertido. Jung comparou esses dois processos ao batimento cardíaco- Há uma alternância rítmica entre o ciclo de contração (introversão) e o ciclo de expansão (extroversão)p. 74

As palavras acima de FADIMAN E FRAGER (1979) nos situam no estilo metafórico e simbólico de JUNG. Informam-nos ainda que algumas vezes a introversão é mais apropriada e em outras seria melhor a extroversão. Não se pode manter as duas ao mesmo tempo, o ideal é ser flexível e capaz de adotar qualquer uma delas quando for apropriado, operar em termos de um equilíbrio entre as duas e não desenvolver uma maneira fixa de responder ao mundo.

O interesse dos introvertidos concentra-se em seus próprios pensamentos e sentimentos de seu mundo interior. Um perigo para algumas pessoas é imergir de forma demasiada em seus mundos interiores, perdendo o contato com o ambiente externo.

Os extrovertidos, entretanto, envolvem-se com o mundo externo das pessoas e coisas, tendem a ser mais sociais e conscientes do que está acontecendo a sua volta. Eles precisam se proteger para não ficar somente no mundo externo e não conseguir olhar para dentro deles mesmos.

Popularmente o tema da *introversão e extroversão* como características de personalidade também são associados à *timidez*. Recentemente a Revista

SUPER INTERESSANTE (setembro de 2013) trouxe uma matéria que as associa.

De acordo com estudos mais recentes da Universidade de Iowa conseguiu-se chegar à conclusão de que os cérebros dos introvertidos e extrovertidos relaxam de forma diferente. Nos introvertidos, o processo é comandado pela acetilcolina, neurotransmissor responsável por memórias e elaboração de planos. Já os extrovertidos precisam de uma alta dose de dopamina, neurotransmissor ligado às sensações de prazer e recompensa.

Essas predisposições biológicas ajudam a compreender as diferenças de comportamento. A amígdala de um introvertido “frita” em um ambiente de cheio de estímulos. Para os quietos, uma festa pode ser extremamente cansativa. O relaxamento deles tem a ver com agitos internos. No caso dos extrovertidos sentar sozinho para ler é o que cansa, não traz relaxamento nenhum. Pouco sensível sua amígdala precisa de mais coisa para se excitar.

As descobertas sobre a influência da genética no comportamento não são mera curiosidade. *É a ciência afirmando que timidez não é doença, só um jeito diferente de funcionar.* A Internet também contribuiu: falar com os dedos, num mundo virtual, sem a obrigação de resposta imediata, deixou os reservados mais confortáveis. E as pessoas se deram conta de uma coisa: ser introvertido tem suas vantagens, como sentem menos necessidade de se expor a estímulos novos, podem se concentrar melhor e dedicar mais força na resolução de um problema.

Num experimento em que o psicólogo Richard Howard distribuiu labirintos impressos para um grupo de 50 pessoas, os introvertidos se saíram melhor. Não por inteligência, mas por paciência. Eles insistem mais nos desafios (SUPER INTERESSANTE, 2013, p.48)

Demoram mais para responder, mas como seu cérebro trabalha mais com associações e memórias, tendem a encontrar respostas que os desatentos

extrovertidos, não se dariam conta.. Essa extrema concentração, faz com que introvertidos detestem ser interrompidos. E por mais que se esforcem para trabalhar em grupo, se saem melhor em tarefas individuais. O tímido diferente dos destemidos não costumam trocar razão por emoção.

(...) sensibilidade á recompensa não é apenas uma característica interessante da extroversão; ela é oque faz um extrovertido ser extrovertido. Escreve Cain. (SUPER INTERESSANTE, 2013, p.49)

Outro aspecto positivo dos introvertidos estudado pela Universidade de Harvard foi a descoberta de que funcionários proativos liderados por extrovertidos se abstém de dar opiniões. Com introvertidos, acontece o oposto, eles não temem conflito com a chefia e se sentem livres para dar seu parecer.

Os introvertidos têm ainda mais um trunfo nas relações pessoais. Passando mais tempo calados, observando antes de agir, tornam-se bons ouvintes. Um extrovertido tem sua atenção desviada com mais facilidade, perde-se na conversa e nem sempre compreende de verdade qual é o problema. Além disso, a sensibilidade aguçada faz deles observadores perspicazes do tipo que estuda sua expressão facial, repara no tom da sua voz e percebe antes quando algo não vai bem.

Enfim, percebemos que o mundo não seria tão bom só com introvertido e nem tão bom só com extrovertidos, precisamos saber aproveitar oque cada um pode nos oferecer e saber juntar o que tem de melhor nos dois tipos.

Nos relacionamentos, por exemplo, é preciso entender que se um introvertido fica quieto não é porque se chateou ou enfrentou algum problema, pode ser que ele esteja apenas cansado. Mas que aprendam com os extrovertidos: é preciso se esforçar para cultivar relações.

O mundo não seria agradável se todos vivessem em busca do prazer a todo custo, se todos falassem sem parar e mal tivessem tempo para ouvir uns aos outros. E o contrário também não seria bom, se todos ficassem o tempo

todo dentro de casa sem falar nada. Por sorte, temos todas as variações. Juntos é que introvertidos e extrovertidos são mais divertidos.

Como se vê, a reportagem da Revista mencionada não se detém na diferenciação entre *introversão e timidez*. Deixa o alerta de que é importante levar em conta as características genéticas. Mas quando a timidez passa a ser preocupante para educadores e pais no contexto da Educação da criança e do adolescente?

Retomando as pesquisas sobre a manifestação da *timidez na infância* No exame da bibliografia específica, difícil de encontrar, contamos com os estudos de dois psicólogos espanhóis que se dedicam à questão: Inês Monjas e Vicente Caballo. Precisamos nos aventurar no discurso da psicopatologia à luz da abordagem da terapia cognitiva comportamental. Esta parte prioritariamente da *descrição observável dos comportamentos*, mas considera também a importância da subjetividade e da intersubjetividade e a mediação da linguagem. Os autores trazem muitos estudos científicos a que faremos algumas referências.

3.1. Timidez e complexidade

Podemos dizer que a timidez refere-se a um conjunto de fenômenos heterogêneos aos quais se associam múltiplos termos gerando confusão terminológica e conceitual. Ao se falar sobre dificuldades nas relações interpessoais associadas à carência de relação com os pares e à ansiedade social, aparecem: timidez, retraimento social, inibição, introversão, isolamento, falta de assertividade e solidão.

Ao se fazer uma revisão bibliográfica, constata-se a falta de acordo entre os autores quanto à definição e delimitação desses conceitos, pois são diversas as faces da timidez e da solidão na infância. Todos, no entanto, remetem a processos “motivacionais de aproximação e evitação” (Asendorpf, in MONJAS e CABALLO, 2010).

Estamos assim, em um território que convida o educador (a) a estar atento para o desenvolvimento da sociabilidade do educando. Antes de abordar a timidez propriamente dita, vamos caminhar em direção à

clarificação do panorama conceitual, diferenciando “baixa sociabilidade” e “baixa aceitação social”

- *Baixa sociabilidade*: fala-se de crianças que têm baixa motivação de aproximação social, mas não necessariamente evitam contatos. Preferem estar sozinhas do que acompanhadas, são solitárias e pouco sociáveis. Aproximam-se do que entendemos por criança introvertida. Isto é comprometedor para seu desenvolvimento?

Como pudemos constatar, a atividade solitária construtiva e exploratória, faz parte do desenvolvimento da criança; o risco é o isolamento nas fases seguintes: segunda infância, puberdade e adolescência.

- *Baixa aceitação social*, são as crianças “excluídas” pelos colegas. Estudos mostram que essa rejeição na infância acarreta altos riscos, pois as crianças rejeitadas são as mais vulneráveis a problemas exteriorizados.

Embora não haja dados afirmando que a baixa sociabilidade extrema é um fator de risco, principalmente em culturas como a nossa, que favorecem a alta sociabilidade, os dados de Rubin Both e Will Kinson (1980) apoiam que na primeira fase da infância, a “atividade solitária construtiva e exploratória” não é desadaptativa; porém, o é nas fases posteriores. (MONJAS E CABALLO, 2010, p.272)

Mas precisamos esclarecer, quais são as possíveis relações entre o comportamento tímido e a aceitação social?

A aceitação social, entendida como o grau em que a criança é querida e aceita ou rejeitada em seu grupo de pares é medida através de estratégias sociométricas, chamou a atenção dos estudiosos do comportamento infantil devido á importância que tem como índice de ajuste e adaptação; a baixa aceitação social é um fator de risco significativo (Asher, 1983; Monjas 1992) (MONJAS E CABALLO, 2010, P.273)

Na situação de baixa aceitação social é importante diferenciar duas manifestações: o *retraimento do tipo passivo ansioso*, quando a criança está isolada de seu grupo por causa de uma autoproteção negativa e assim, isolou-se a si mesma, evitando contato com o outro, de quando sofre *rejeição ou ignorância*. Neste caso, trata-se de uma criança que está isolada do seu grupo e sofre a rejeição ou o esquecimento, é isolada pelos outros.

3.2. Descrição do fenômeno e sua diferenciação

Na Timidez propriamente dita encontramos crianças que vivem o conflito entre o se aproximar dos outros e simultaneamente evitá-los; gostariam de se envolver com os outros, mas se inibem. Este conflito aparece normalmente em todas as crianças. ao encontrar uma criança desconhecida, param sua brincadeira, brincam na paralela e progressivamente começam a brincar com a outra, resolvendo o conflito. Isto não ocorre com a criança tímida. Costumam evitar os outros porque têm medo. Ocorrem dois tipos de medo: de desconhecidos e da avaliação social.

Existem alguns tipos de timidez, como a temperamental e a socioavaliativa.

A timidez temperamental frente a desconhecidos está associada a traços fisiológicos. Caracteriza-se pelo medo de estranhos em situações não familiares e aparece desde a primeira infância.

A timidez socioavaliativa, é a timidez que se apresenta em situações familiares e é muito preocupante, pois essas são as situações habituais da vida cotidiana de qualquer pessoa, fundamentalmente na infância. Prejudica o desenvolvimento da criança, refletindo uma alta sensibilidade para a avaliação dos outros que pode conduzir a auto-avaliações negativas e portanto de problemas interiorizados.

Nos estudos da conduta interpessoal e mais concretamente nos relacionados à assertividade - os que expressam direta os próprios sentimentos e a defesa dos próprios direitos e os dos outros - foram mapeados três estilos: passivo ou inibido, assertivo e agressivo. (Caballo, in MONJAS e CABALLO, 2010, p. 274).

A criança tímida demonstra o estilo passivo ou inibido. O comportamento passivo é um estilo de fuga, não sabe expressar sentimentos e pensamentos ou quando os expressam o fazem de modo derrotista evidenciando falta de confiança em si mesma; assim, viola seus direitos. A pessoa passiva é inibida, introvertida, reservada, infeliz e ansiosa, não defende seus direitos, adota comportamentos de submissão, esperando que a outra pessoa capte suas necessidades, desejos e objetivos e escolha por ela. Evita conflitos para apaziguar os outros e assim submete-se a eles, ou é explorada pelos mesmos.

A criança passiva tende a ser ameaçada pelas demais que se aproveitarão dela, tratando-a injustamente, o que gera desvalorização de si mesma. (Michelson et al. in MONJAS e CABALLO, 2010, p. 275).

Timidez ou retraimento social podem ser denominações que se equivalem, considerando as características de *déficit* de relações interpessoais e uma tendência acentuada e estável de se evitar o contato social, ou a fuga dele. São crianças que de forma estável interagem pouco com seus pares e mantêm relações insuficientes e insatisfatórias com eles, permanecem muito tempo sozinha, isolam-se dos outros, exibem um estilo passivo e inibido de relacionamento e sofrem de ansiedade social (medo de situações sociais e medo de avaliação negativa).

É importante considerar que o fenômeno da timidez se mostra em uma escala gradativa, desde problemas leves e moderados (o grau de mal estar pode ser forte, há incômodo, mas não é incapacitante para a vida social) até manifestações graves que se caracterizam como transtornos – território da ansiedade clínica, como a *fobia social*. Esta é totalmente incapacitante.

É muito difícil fazer uma descrição do que é timidez, pois existem crianças tímidas cada uma com suas peculiaridades e características concretas. As principais manifestações do comportamento tímido que não concorrem com a ansiedade clínica, como o acima apontado são:

a) *Déficit ou carência de comportamentos de interação com colegas e adultos:* Não participa e nem pergunta em sala de aula, não mantém uma conversa com outras crianças ou vizinhos, não se integra em atividades em grupos. Mostra assim, pouca habilidade social. Constata-se um excesso de comportamentos de apatia, inatividade, passividade, indecisão, insegurança, lentidão, submissão, indiferença e inibição. São crianças que permanecem solitárias e isoladas mais do que o habitual para sua faixa etária.

b) *Comportamentos de ansiedade, medo e temor:* preocupações e pensamentos negativos diante de situações interpessoais comuns e situações que impliquem avaliação ,como expressar uma opinião , fazer uma pergunta , ler em voz alta. Junto a esses temores aparecem diversos sintomas psicofisiológicos, como rubor, taquicardia, sudorese, moléstias estomacais, tremor nas pernas ou gagueira.

c) *problemas relativos ao autoconceito e a afetividade:* a criança apresenta baixa autoestima, baixo auto-conceito e auto-avaliação negativa; tende a se subestimar, a sentimentos de inferioridade, alto grau de exigência, autocrítica, supermotividade, depressão e indefensibilidade, preocupação, culpa, atribuições incorretas e precepções negativas de suas próprias competências sociais.

Este esforço de construir uma descrição do comportamento tímido, é complementado pelos autores MONJAS e CABALLO (2010) que abordam as questões relacionadas à dificuldade de se estabelecer um *diagnóstico diferencial da Timidez*. Alertam que nos guias referentes a transtornos mentais não há uma categoria referente à timidez ou retraimento social, mas um grupo de transtornos e categorias e psicopatológicas em cujos critérios incluem-se a carência de interação social e uma deterioração nas relações entre os pares, como: *fobia social, transtornos de personalidade, transtorno de apego reativo na infância e depressão infantil*. Há indícios de que na fobia social e transtornos

de personalidade na situação de se evitar contatos, ocorrem antecedentes de timidez na infância e isolamento na adolescência.

As *peessoas tímidas* apresentam ansiedade social e não clínica. Podem se sentir incomodadas nas relações sociais, mas seu funcionamento acadêmico, social ou profissional não é gravemente afetado e pode melhorar na passagem da adolescência para idade adulta.

A *fobia social* caracteriza-se pela presença da ansiedade clinicamente significativa diante de situações em público que costumam acarretar comportamentos de evitação. Existem alguns aspectos incluídos nos critérios diagnósticos e nos sintomas característicos da fobia social nas crianças:

- a) é necessário ter demonstrado que suas capacidades para se relacionar com seus familiares são normais e sempre existiram e que ansiedade social aparece nas reuniões com indivíduos de sua mesma idade e não somente em qualquer inter-relação com um adulto;
- b) ansiedade pode se traduzir em choros, birras, inibição ou retraimento em situações sociais onde os assistentes não pertencem ao âmbito familiar;
- c) a criança pode não reconhecer que o temor excessivo é irracional, e
- d) a duração do quadro sintomático deve se prolongar no mínimo por seis meses.

Com isso chegamos à conclusão de que para se ter um diagnóstico de *fobia social* é preciso avaliar se o comportamento de evitação, o temor e a ansiedade aguda realmente interferem de forma radical na rotina da criança, em seu trabalho e atividades escolares, gerando um mal-estar significativo. Quando se fala em *transtornos de personalidade por evitação social*, estamos diante de uma fobia social generalizada, grave.

Os autores trazem também, o quadro de *transtorno de apego reativo na infância* descrito no DSM-IV-TR (APA, 2000, p. 127): “uma relação social que, na maior parte dos contextos, se manifesta notavelmente alterada e

inadequada para o nível de desenvolvimento do sujeito e que se inicia antes dos cinco anos de idade.” (MONJAS e CABALLO (2010, p. 278). Ressaltam que interessa considerar aqui o caso da inibição em que há uma mistura de aproximação, evitação e resistência como incapacidade permanente para iniciar as relações sociais e responder a elas.

Na tentativa de diferenciar o fenômeno da timidez de transtornos mais graves, os autores apontam ainda a situação em que é preciso diferenciar se a criança é apenas retraída ou ela é *triste e deprimida*, o que nos coloca diante da timidez ou da *depressão infantil*. Recorrem aos trabalhos do professor Méndez que descreve os sintomas de uma criança com depressão como: estado de animo irritável ou triste, perda de interesse ou prazer nas atividades, perda (ou aumento) de apetite/ peso, insônia ou sono excessivo, agitação ou lentidão psicomotoras, fadiga ou perda de energia, sentimento de inutilidade ou culpa, diminuição da capacidade de pensar e se concentrar e o mais grave, pensamentos de morte ou ideias, planos e tentativas de suicídio.

Ao finalizar este tópico em que buscamos a descrição do fenômeno e seu diferencial diante de transtornos mais graves, apontamos que discorrer sobre os transtornos pode ajudar o educador a considerar a necessidade de encaminhamentos para profissionais especializados e mais que tudo, ter em vista o modo como os responsáveis pelo desenvolvimento e aprendizagens socioafetivas da criança, em que se inclui, complementam a relação com a criança. Como joga o seu papel de educador?

3.3. Abordagens

Dando continuidade aos estudos, pondera-se que não há dados conclusivos dizendo sobre a origem da timidez. Os modelos que se enfrentam remetem às origens da ansiedade e particularmente à origem da fobia social em relação a qual, a timidez mostra-se como um antecedente delimitado.

O que mantém o comportamento social inibido? MONJAS e CABALLO (2010, p 279- 281) consideram que o fundamental é reconhecer os fatores que desencadeiam o retraimento social, alertando-nos sobre a importância de desenvolver estratégias de prevenção – campo da Educação. As principais

teorias etiológicas trazidas pelos autores são: *Psicobiológicas, Psicossociais, da Aprendizagem e Interativas*. Vamos nos aproximar de cada uma delas

3.3.1 Psicobiológicas

A timidez é explicada com base em uma predisposição hereditária, isto é, temperamental. Foi considerado que o temperamento é a parte da personalidade constituída por fatores biológicos, genéticos e constitucionais. Os autores trazem pesquisas empíricas que se voltam sobre o comportamento de recém nascidos e inclusive com gêmeos, mas apontam que “Embora pareça que há um certo apoio empírico á transmissão hereditária de comportamentos de timidez(...) as qualificações dos recém nascidos vão se matizando e interagem com as influências ambientais” (p. 280).

Apontam que o comportamento dos pais é fundamental e que há uma tendência da criança de temperamento inibido, provocar menos atenção dos cuidadores. (Remetem-nos aqui ao início de nossos estudos no tópico 3 em que fizemos menção às características de introversão e extroversão de Jung e a associação da timidez à primeira categoria. Ficam abertos os caminhos para o que a neurociência teria a dizer, o que excede as intenções deste trabalho).

3.3.2 Psicossociais

Duas teorias podem ser consideradas nessa abordagem:

- *A teoria do apego e do estilo educativo parental* – estabelece relação entre “apego inseguro e retraimento social”. O comportamento inseguro é considerado como um fracasso nas relações iniciais de apego. A qualidade da relação de pai e filho resultante será de insegurança na criança, generalizando-se a todas as relações posteriores. Esse sentimento de insegurança pode gerar uma crença complementar de incompetência e falta de valor na visão de si mesma e dos outros, contribuindo para a ansiedade, a inibição e o retraimento em situações sociais novas. É muito importante o estilo educativo dos pais, as crenças e os valores paternos em relação a criança.

- *A Teoria da interação com os pares* de acordo com *Rubin, Both e Wikison* tem a ver com a interação com os colegas, considerada uma força importante para

o desenvolvimento das relações e habilidades sociais e normais. Portanto, a criança que não tenha experiências adequadas nas relações com seus colegas corre o risco de sofrer algum desajuste posterior e podem apresentar algumas dificuldades emocionais em seu desenvolvimento.

De acordo com Caballo:

A interação com os colegas é o foro no qual se desenvolvem as habilidades sociais. A interação com os pares é fonte de diversão, de aprendizagens importantes, de identificação, fortalecimento do autoconceito, de apoio, intimidade, reciprocidade, expressão de afeto de companheirismo.” (MONJAS E CABALLO, 2010,P.280

3.3.3. Da Aprendizagem

As Teorias que se agrupam nesta categoria dizem que o comportamento da timidez e retraimento é aprendido e explicado por processos tanto de *condicionamento clássico* (a ansiedade condicionada a determinadas situações interpessoais ou sociais, gerando respostas de evitação) quanto pelo *condicionamento operante* (o comportamento de timidez é recompensado ou as interações são ignoradas ou castigadas); consideram ainda a falta de modelos sociais assertivos e seguros.

São utilizadas duas hipóteses para explicar as dificuldades de interação, a do déficit de habilidades e de interferência. A primeira hipótese leva em conta a *falta de habilidades* necessárias para estabelecer e manter relações sociais. E a segunda é a *da interferência*: a criança sabe como se mantém uma relação social, porém existem variáveis emocionais, cognitivos/ motores que interferem em sua realização. Exemplos de variáveis intervenientes:

Ansiedade, medo, auto verbalizações negativas, crenças irracionais, déficit em percepção e discriminação social, pensamentos auto derrotistas, distorções cognitivas, erros atribucionais, expectativas de auto eficácia negativas e autoconsciência excessiva. (MONJAS E CABALLO, 2010, P.281).

Em uma situação concreta: a criança sabe como pedir à amiguinha que brinque com ela, mas não pede pois teme que ela diga “não”, como aconteceu em outro dia...

3.3.4. Teorias Interativas

As Teorias interativas dizem que o comportamento tímido se explica por uma interação entre *variáveis intraindividuais*/ pessoais (temperamento), *variáveis interindividuais* (apego, relações entre pares) e *variáveis ambientais* (estresse, contexto, clima social). Inicialmente pode-se falar em uma predisposição genética, de uma vulnerabilidade biológica que poderia ser a inibição comportamental (temperamento). Entram em jogo, em seguida, as primeiras experiências de aprendizagem que se relacionam com o apego. Essas interações precoces são cruciais para favorecer e reforçar a predisposição biológica ou para reduzi-la.

Em um certo tempo a criança já tem um primeiro repertório de comportamentos e cognições em relação às situações de interação social. Este repertório pode ser favorecedor ou não. Por meio de processos de aprendizagem (contato direto, observação, informação), a criança mantém ou modifica seu repertório inicial.

O repertório que desfavorece as relações sociais leva a criança à visão de que as situações sociais são ameaçadoras e o fracasso em seu enfrentamento fará com que o sujeito acredite que não é capaz de lidar eficazmente com essas ameaças interpessoais. Dessa forma, seu comportamento de timidez e inibição irá se desenvolver e se consolidar.

Após este levantamento das abordagens, os autores apontam algumas *consequências* provenientes de estudos empíricos. Alertam que a crença da população em geral e de alguns profissionais da psicologia e da educação de que o comportamento inibido da criança é passageiro e vai melhorar com o tempo, não se sustenta. As evidências apontam que a timidez e o retraimento social na infância trazem consequências negativas para o sujeito conforme avança para a vida adulta. É fator de risco, pois indica problemas posteriores

de natureza interna como problemas emocionais e problemas de personalidade. Ressaltam o “Projeto longitudinal Waterloo” de Rubin, Both e Wilkinson, 1990 e Rubin, 1993. (MONJAS e CABALLO, 2010, p. 282). Este, começou em 1980 e está estudando a evolução das crianças com dificuldades de relação com seus colegas. São analisadas as consequências do retraimento social durante a primeira infância no desenvolvimento posterior. Os dados obtidos até o momento permitem afirmar que o retraimento social na infância:

- Reflete a existência de problemas relativos ao autoconceito e à afetividade;

- É um fenômeno relativamente estável, pois grande parte das crianças identificadas como retraída da Educação Infantil continuam sendo identificadas dessa forma, também no Ensino Fundamental, e

- Indica problemas posteriores de natureza interna: as crianças socialmente retraídas correm o risco de no futuro sofrer problemas socioemocionais interiorizados (ansiedade social, depressão, fobia social). Chamam assim a atenção para a importância de ações preventivas.

3.4. Avaliação e Perspectivas de Superação

3.4.1. Avaliação

Para avaliar uma criança tímida são necessários diferentes momentos: Identificação e avaliação inicial, planejamento do programa de intervenção, avaliação contínua da aplicação do programa, avaliação dos efeitos da intervenção.

Convém nesse ponto fazer duas observações, a primeira é em relação à necessidade de delinear estratégias de detecção e identificação precoce de sujeitos de alto risco. E a segunda é que ao longo do processo descartar existência de outros problemas que possam estar influenciando no comportamento de inibição, de forma que seja uma consequência deles, como por exemplo, abuso sexual e intimidação de outros colegas.

Para avaliar o comportamento tímido não existe nenhum procedimento padrão. Os autores propõem uma *avaliação compreensiva* em que sejam

utilizadas de forma combinadas: 1. diversas fontes de informação, diversos avaliadores (família, professores e colegas); 2. diversos procedimentos e instrumentos de avaliação (múltiplas informações, observação direta e auto-informes) e 3. diferentes contextos (clínico, escolar, familiar, comunitário).

Na busca de **Múltiplas Informações**, os autores enfatizam diferentes procedimentos, dos quais ressaltaremos alguns:

- *Os procedimentos sociométricos* avaliam e descrevem a amizade, a simpatia e a atração interpessoal entre os membros de um grupo e proporcionam informações de quanto àquela criança é querida, aceita ou rejeitada por seus pares.. Os colegas são incluídos no processo de avaliação como uma fonte muito importante, pois levamos em conta suas opiniões em inúmeras experiências de interação com a criança tímida. Este é um dos melhores indicadores de adaptação escolar e social para identificar sujeitos com risco de problemas psicológicos. Cabe lembrar que embora não mencionado por Monjas e Caballo, o pai da Sociometria como ciência que avalia as relações sociais é Jacob Levy Moreno, autor trazido no ítem 2 de nosso estudo.

Nas indicações de estratégias, são sugeridas: Nominção pelos pares, Pontuação pelos pares e Técnica do “adivinhe quem é.”

. *Nominção pelos pares* - pede-se à criança que escolha ou rejeite um determinado numero de colegas de acordo com um critério determinado. Exemplo: melhores amigos ou fazer trabalhos juntos. Isso permite que se saiba o status de escolhas de cada sujeito e o status de rejeição.

. *Pontuação pelos pares* - é um procedimento feito através da pontuação e avaliação de cada sujeito por todos os colegas de seu grupo. Distribui-se uma folha com os nomes de todos os colegas do grupo e pede-se para que atribuam uma pontuação aos mesmos, de acordo com um critério específico, por exemplo, quanto você gosta de brincar com tal aluno, quanto você gosta de trabalhar como tal aluno, o que você acha dele.

. *Técnica do “adivinhe quem é”* - cada aluno escreve o nome da criança que melhor corresponde a cada uma das descrições. Exemplo: adivinhem que

criança está sempre sozinha no intervalo, adivinhem que criança sempre fica muito nervosa quando é feita uma questão em público, adivinhem que sempre fica muito vermelho e gagueja, adivinhem quem é tímido demais para fazer amigos.

- *Escalas de apreciação para adultos* – são sugeridos instrumentos na forma de escalas de avaliação como o “Questionário de Habilidades de interação Social (CHIS” de Monjas, 1973 e a “Bateria de Socialização para professores (BAS - 1) e para Pais” (BAS -2) de Silva e Martorelli, 1983). Nestes vários indicadores já abordados no decorrer deste trabalho são apresentados para apreciação.

Nos procedimentos de **Observação Direta** disponíveis para o trabalho, também são apresentadas “Escalas de observação de Jogo” de Rubin, 1981 e o “Código de Observação de Interação Social (CAIS) de Monjas, Verdugo e Arias, 1992.

Em relação aos **Auto- Informes** como informação, descrição e avaliação que o sujeito faz de seu próprio comportamento interpessoal, de seus pensamentos, sentimentos e emoções é apontado que se deu pouca atenção na avaliação de crianças, considerando suas dificuldades em informar quando pequenos. Os autores apresentam a importância da entrevista e disponibilizam instrumentos utilizados em espanhol, que envolvem questionários e auto-registros, em situações na classe, no recreio e no fim de semana.

Destacam-se as contribuições dos autores. No auto-registro para o recreio, por exemplo o desafio é anotar em cada dia da semana o “fazer perguntas aos colegas – meninos e meninas e responder às perguntas de outras pessoas – crianças e adultos. No auto-registro para o final de semana, colocar em uma tabela o número de vezes em que: “Digo coisas positivas aos outros, Dou minha própria opinião, cumprimento, Dou sugestões nas brincadeiras, Digo coisas positivas para mim mesmo.” (MONJAS e CABALLO, 2010, p. 288).

3.4.2. Perspectivas de Superação

No Tratamento Cognitivo Comportamental da Timidez, são propostas intervenções para o trabalho clínico, mas consideramos que o educador pode

também aprender com as indicações. Essas estratégias de intervenção são chamadas de “treinamento em habilidades sociais”, esse treinamento produz melhoras significativas no nível de interação social e é eficaz no tratamento de meninos e meninas socialmente retraídos e tímidos. Recomendam-se momentos individuais e grupais.

Embora os resultados sejam muito bons e favoráveis é preciso dizer que os dados oferecidos nesse campo pela pesquisa estão submetidos a muitas críticas e apresentam sérios problemas e limitações, por exemplo, carência de validade social, falta de evidência em relação a generalização dos resultados do treinamento, problemas para demonstrar a manutenção dos efeitos do tratamento, carência de uma base teórica e conceitual que enquadre e guie a pesquisa e problemas metodológicos, essas são as razões para que se continue pesquisando.

É um programa cognitivo comportamental (centra-se tanto no ensino de comportamentos motores como de comportamentos cognitivos e afetivos em que o principal elemento é o treinamento em habilidades sociais visando a autoestima e a redução da ansiedade. Ele ensina a criança alguns comportamentos que ela não apresenta, como por exemplo, iniciar uma conversa. Tanto a família, quanto a escola precisam estar atentos a esse programa, pois esses são os ambientes que chegam mais próximos do cotidiano da criança.

Os objetivos voltam-se para:

- aumentar os comportamentos de interação social com outras pessoas (pares e adultos) e diminuir os comportamentos de isolamento, apatia e inatividade;

- reduzir a ansiedade social em relação aos contatos interpessoais; melhorando sua autoestima e seu estilo de pensamento.

Os Procedimentos envolvem, os passos:

1. *Instrução verbal, diálogo e discussão* – Sugestão de iniciadores: O que é iniciar uma conversa? Como você inicia? O que você diz a

sim mesmo? O que você faz? Como você acha que as outras pessoas se sentem? Porque é tão difícil para você começar uma conversa? Quando você deve começar? Como quem? Onde?

2. O segundo passo denominado *modelação* é a demonstração de como se põe em prática. Consiste em expor a criança a modelos que exibem os comportamentos que precisa aprender. Por exemplo, o profissional e os colegas do grupo abordam a situação: você encontra um colega que mudou para outra escola e quer saber como está.
3. No terceiro passo experiencia-se a representação de papéis na forma de dramatização que abordem diferentes situações como: iniciar uma conversa; aqui re-encontramo-nos com Moreno e suas propostas de jogo dramático, *role playing*, enfim, toda a riqueza da metodologia sociopsicodramática.
4. No quarto passo, atenta-se para a retroalimentação dada pelo profissional e pelos colegas. Proceda-se por aproximação, valorizando os comportamentos que se não estão totalmente alinhados, estão próximo do esperado. Por exemplo: Você olhou nos olhos e também sorriu... Você fez boas perguntas, mas vamos aumentar o tom de voz? É importante também ajudar a criança a aprender a falar consigo mesma e se retroalimentar (auto-reforço);
5. O quinto e último passo é a tarefa para casa. Começa-se com tarefas simples como, por exemplo, perguntar a hora na rua, dar um recado curto. Depois passa-se para as tarefas mais difíceis, como conversar com um vizinho dentro de um elevador, com uma menina na saída da escola, com uma criança de outra sala, etc.

A proposta dos autores MONJAS e CABALLO (2010, p. 288-293) levanta a necessidade de se adaptar os passos, levando em conta a condição peculiar de cada criança e não há rigidez na ordem de segui-los. Os passos alertam o profissional com relação às dimensões que requerem ser consideradas.

Conclui-se com os autores que a timidez na infância é um problema ao qual é preciso prestar mais atenção profissional e científica. É

necessário realizar estudos para determinar como se desenvolve e evolui o comportamento de timidez, desenvolver instrumentos de avaliação do comportamento do tímido, e é importante comparar a eficácia relativa dos diferentes procedimentos e técnicas de intervenção para selecionar e incluir nos programas que forem mais adequados e eficientes.

Na finalização de nossos estudos teóricos, lançando um olhar sobre as considerações desenvolvidas com Charlot, Rogers e Moreno que focam prioritariamente os comportamentos saudáveis, percebemos que o elemento comum com a linha “terapia cognitiva comportamental”, é o caminho da *aprendizagem relacional e interativa*. Esta coloca sua atenção nos comportamentos que precisam ser observados e contribuem com alertas significativos.

O cuidado que permanece é como possibilitar aos profissionais terapeutas e educadores e também aos pais, o desenvolvimento de suas próprias habilidades relacionais – o aprender a construir vínculos. De forma especial aos educadores e pais, como não ignorar a criança tímida. Afinal ela não dá “trabalho” em casa e na escola. Corre o risco de passar despercebida...

No próximo capítulo, preparamo-nos para entrar em campo, tendo em vista conversar com professores.

III- METODOLOGIA

1. Natureza da pesquisa

Os estudos aqui desenvolvidos voltam-se para o universo da educação no âmbito específico da timidez reconhecendo desafios e caminhos de superação.

Além dos estudos teóricos desenvolvemos um estudo piloto - como pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas realizadas com professores da educação infantil preocupando-nos em articular os conceitos dos autores pesquisados e também nossa prática como professora da Educação Infantil.

Como pesquisa qualitativa, o que é de extrema valia, é o sentido que os sujeitos atribuem a sua experiência de agir e pensar. Buscamos assim, compreender a experiência humana, para além do número de respostas obtidas, identificando as unidades de significado presentes (MARTINS e BICUDO, 1989).

2. Contexto

A pesquisa foi realizada em uma instituição particular judaica. Localizada na zona Oeste de São Paulo e é considerada de porte médio com 800 alunos. Atende um público de classe média e classe média alta.

As informações fornecidas no site do colégio nos remetem a uma educação cujo objetivo é “Garantir uma formação equilibrada nas dimensões acadêmica, judaica, afetiva, econômica, física e social”. O colégio disponibiliza no site seus objetivos com relação à visão de educador:

“No processo de aprendizado, o professor investe em uma relação dialógica, pois o pressuposto é que a construção de conhecimento só acontece na interação com o outro e com o objeto de estudo. O ambiente escolar, portanto, é gestado pelos educadores, de forma a garantir uma rede de relações interpessoais que promovam o diálogo e o respeito aos diversos pontos de vista frente aos conflitos, sem que sejam desconsiderados em todo o processo de aprendizado os princípios éticos e morais.”

É uma escola que garante a participação ativa dos alunos, criando espaço para que sejam curiosos e críticos, que confiem na própria capacidade de

resolver problemas e saibam dizer o que pensam. Acreditam no diálogo criativo entre as diferentes áreas, construído entre o sujeito que aprende e o objeto do conhecimento em suas diversas manifestações.

O ciclo da Educação Infantil caracteriza-se por ser o momento de inserção da criança no universo escolar. Portanto, é função da escola acolher as crianças em suas necessidades individuais e, ao mesmo tempo, inseri-las no coletivo.

Nesta etapa da vida escolar, a escola favorece as interações sociais possibilitando o estabelecimento de laços afetivos, o que contribui para o reconhecimento de si próprio, do outro e estimula o convívio e respeito com as diferenças. Com o intuito de propiciar ao aluno maior segurança. O *brincar*, o *cuidar* e o *aprender* são os pilares essenciais

O brincar está presente na rotina e, à medida que os alunos brincam, desenvolvem papéis e enredos construídos individual e coletivamente, exercitando o aprender, o ser, o fazer e o conviver. Para tal, é proporcionado ambientes enriquecedores, instigantes e desafiadores para que a criança siga avançando em suas aprendizagens, construindo seu pensamento.

Cuidar e educar estão integrados. A atenção está voltada ao desenvolvimento em suas diferentes dimensões (física, cognitiva, afetiva e social). Assim, os alunos são incentivados a cuidar de si, dos outros, de seus pertences, do espaço e das relações que se estabelecem. Estas vivências são fundamentais para a formação da independência e futura autonomia.

As rotinas são organizadas por meio de atividades permanentes (roda de história, momentos de livre escolha, artes), sequências de atividades e projetos didáticos (interdisciplinares, literários), propiciando aprendizagem significativa, isto é, desenvolvendo o olhar curioso, o questionamento, a pesquisa, o confronto com outros saberes, vivenciando os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento e a formação pessoal e social.

Contribuir para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos é tarefa exigente e complexa: começa pelo tempo de conhecer a criança e segue por alimentar uma atitude de curiosidade pelo mundo, em busca de uma formação cultural ampla. Nesta tarefa tem a participação das famílias em atividades integradoras como reuniões individuais e coletivas e demais eventos do colégio.

A vivência judaica está presente no cotidiano. A ligação com Israel se faz através do uso de expressões da língua hebraica, da literatura, dança, canções e dramatizações. Os costumes e tradições são desenvolvidos por meio das festividades e dos rituais.

A partir do Infantil 4 é ampliada a permanência dos alunos, oferecendo no período da tarde (segundas e quartas) outras situações desafiadoras para a conquista de autonomia, de habilidades específicas e para o aprendizado contínuo e integrado (módulos de arte, jogos de raciocínio, hebraico e dança)

No que diz respeito ao espaço, as salas contem no máximo 20 alunos, sendo estes sendo regidos por uma professora e uma auxiliar. Contam também com a equipe de apoio, funcionárias da limpeza e uma babá responsável pelas trocas de roupas. Estes profissionais de apoio receberam recomendações para o cuidado com a criança, trato e higiene no contato corporal.

Todas as salas do infantil têm as portas transparentes, dado importante, pois quem passa pelo corredor pode ver o que acontece dentro das salas.

Outra informação importante são as ferramentas de comunicação entre escola e família que seria a *agenda* que serve como meio de comunicação diária entre pais e professores. Todo recado e ocorrência são documentados na agenda. Uma vez por semestre ocorre o atendimento individual com os pais, em que cada um recebe o relatório sobre seu filho e tem a chance de saber mais sobre seu desenvolvimento tirando suas dúvidas.

Na estrutura administrativa cabe à coordenadora pedagógica todo o acompanhamento do trabalho das professoras e o andamento da sala.

3. Sujeitos

Os sujeitos escolhidos para as entrevistas são quatro (4) professoras da Educação Infantil que trabalham com a faixa etária 02 á 07 anos. Diferenciam-se quanto à idade sendo a mais velha com 49 anos e a mais nova com 25 anos. Em relação ao tempo de atuação em sala como professora também vemos diferenças: a que está há mais tempo apresenta um percurso de 15 anos e a mais nova, 2 anos.

Refletiremos sobre algumas características diferenciadas dos sujeitos: o sujeito A, B e D tem pós-graduação em psicopedagogia enquanto o C tem apenas a formação em pedagogia. Nas respostas do sujeito C, vemos que interfere o tempo de formação e experiência. Foi construída a tabela - 1 com os dados dos sujeitos para melhor acompanhamento. Vide Anexo 1. Dados dos Sujeitos, p.

4. Procedimentos e Instrumento

A construção de questões cotidianas foi uma forma de propor que não há certo ou errado nas respostas e por exigirem reflexões maiores, poderiam ajudar na observação dos professores de forma mais sincera.

Foi construído um roteiro com cinco questões que está disponível no Anexo 2. Roteiro para a Entrevista, p. .. As respostas foram anotadas na hora.

Após todas as respostas em mãos, foram montados quadros com as falas dos sujeitos para cada questão solicitada, considerando o posicionamento de cada sujeito, gerando uma leitura para cada item.

Para essa leitura buscamos a confluência das falas dos sujeitos e no que se diferenciam pontuando as implicações das mesmas para o nosso estudo sobre timidez. Os Quadros compõem já o nosso próximo capítulo em que são apresentados os dados de campo e a discussão dos mesmos.

5. Cuidados éticos

Tendo em vista os cuidados éticos com a pesquisa que envolve seres humanos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Anexo 3, p..... foi encaminhado aos sujeitos junto com a entrevista solicitada e estão em posse da pesquisadora.

Na análise de dados não será colocado informações de caráter particular com o nome do sujeito e da instituição ao qual pertence, visando garantir o sigilo.

IV. Apresentação e discussão dos dados de campo neste capítulo.

1. Dados das entrevistas.

Quadro 1. O educador diante de expressões da criança. Quando você vê uma criança que não esteja conseguindo se expressar, como você reage? Interfere, ou deixa com que ela consiga se expressar no tempo dela?

| Sujeitos | Respostas |
|----------|--|
| A | Primeiramente deve se haver uma sondagem inicial para poder reconhecer o que está acontecendo com esta criança. Maturidade? Falta de estímulo? Preguiça, pois fazem tudo por ela? Dificuldade auditiva? A partir desta sondagem, deve haver em qualquer hipótese a intervenção com facilitadores para estimular esta criança e a casa deve estar integrada neste processo. |
| B | Deixo ela se expressar no tempo dela, se percebo que ela precisa de ajuda falo algumas palavras ou trago o concreto para que a ajude. |
| C | Prefiro deixar que ela se expresse da maneira e no tempo dela. |
| D | O primeiro passo é sempre o de avaliar a situação antes de decidir o que fazer. Se for uma criança que ainda não se expressa porque está em processo de aquisição de linguagem, podemos usar outros recursos, como apoio visual, para estimular e ajudá-la nesse processo e continuar o estímulo para aumento de repertório. Se a questão é de timidez, se faz necessário respeitar esse tempo. Muito importante avaliar se essa ausência de expressão não está relacionada a uma comodidade, que nesse caso merece a intervenção do professor para tirá-la da zona de conforto. |
| Leitura | Todos os sujeitos citam que precisamos saber como é o ambiente em que esta criança vive como é a situação que ela se encontra, aspectos físicos, emocionais. Depois de ter uma noção desses aspectos, precisamos respeitar o tempo dessa criança, e aos poucos ir intervindo.(Avaliação da situação) O sujeito D citou algo relevante, a zona de conforto, caso isso esteja acontecendo precisamos fazer com que ela saia de lá. O sujeito A, foca bastante a família. E o sujeito C, corre o risco de a criança sair do foco de atenção. |

Quadro 2. O educador e as amizades da criança.

Se ela não estiver conseguindo fazer amizades como você reage? É melhor interferir ou deixar que ela vença essa dificuldade aos poucos e sozinha?

| Sujeitos | Respostas |
|----------|---|
| A | Dependendo da faixa etária, a criança não vê a necessidade do outro, isto vai acontecendo naturalmente, mas para algumas crianças há entraves que dificultam este processo. Interessante é nunca evidenciar este comportamento, pois se esta criança é tímida, isto ainda irá enaltecer ainda mais sua resistência. Deve se respeitar o tempo de cada um, mas cabe ao educador provocar e promover situações que auxiliem na construção de vínculos, como trabalhos em duplas, parcerias para deslocamento e jogos e outros. Já a família deve estar ciente e colaborar com situações prazerosas com outras crianças. |
| B | - Ajudo, brincando junto e chamando alguns amigos para participar da mesma brincadeira. |
| C | Tento ajuda-la indiretamente, sem interferir em suas decisões, porém tentando facilitar neste processo. |
| D | As duas coisas devem acontecer simultaneamente. Tanto devemos respeitar o tempo de cada um, como também criar situações onde a criança possa estabelecer vínculos com o professor e a partir disso, com a presença dele ao seu lado, ir se aproximando dos colegas. A mediação do professor é fundamental nesse caso. Crianças geralmente criam rapidamente vínculos com outros, quando se sentem seguras e acolhidas no ambiente onde está. |
| Leitura | O sujeito A traz o desenvolvimento da criança, o que esperar dela. O sujeito C cita algo importante, "ajudar indiretamente" (porem podendo fazer com a criança saia de foco) e que complementado com o sujeito D, que diz para fazer atividades em grupos, duplas e sempre colocando ela para trabalhar com os amigos,(a importância de respeitar o individual e o coletivo) chegamos à conclusão de que assim se cria vinculo entre eles, fazendo com que ela se sinta segura para agir sozinha futuramente. E o sujeito B, nos dá uma proposta de superação. |

Quadro 3. O educador e as disputas das crianças.

Se você percebe que ela deixa de conseguir as coisas como, por exemplo, um brinquedo porque outra criança arrancou de sua mão e ela não reage e apenas vai embora deixando com que sempre os outros ganhem como fazer?

| Sujeitos | Respostas |
|----------|--|
| A | Intervir, ajudar a esta criança a fazer valer suas vontades e fazer com que ela compreenda que deve acreditar em suas possibilidades. |
| B | -A conversa sempre é a melhor opção, ajudo a criança a contar para seu amigo que ela não gostou que ele tirou o brinquedo de sua mão.... |
| C | Converso com ela explicando que ela pode ir atrás das suas vontades e suas coisas, que ela tem tanto direito quanto todas as outras crianças. |
| D | Novamente temos que avaliar a situação no geral. Cabe ao professor estimular a autonomia e o autoconhecimento em seus alunos e para tanto precisa conhecer muito bem esse aluno. Ele não reage por quê? Tem medo? Não sabe como fazê-lo e precisa de ajuda? O autoconhecimento geralmente traz a segurança que a criança precisa para enfrentar situações de conflito e a presença da mediação do professor muitas vezes serve também como exemplo ou permite que a criança sinta-se acolhida. |
| Leitura | Todas as respostas estimulam a autoconfiança, estratégia da conversa explícita em B e C e fica subjacente o diálogo em A e D. O sujeito D, releva a questão da autonomia e do autoconhecimento, conhecer bem esse aluno, saber por que ele está agindo daquela maneira. . E o sujeito C explica que ele tem o mesmo direito que todos. |

Quadro 4. O educador e o estímulo a autonomia.

Quando você percebe que a criança está necessitando de algo, mas não consegue como reagir? É melhor forçar para que ela fale ou fazer o que ela necessita (porque você sabe) mesmo sem ela dizer nada?

| Sujeitos | Respostas |
|----------|--|
| A | Deve haver bom senso, algumas vezes ajuda-la a se colocar e outras aguardar para ver como ela reage. O que importa é fazer com que a criança compreenda do que ela é capaz. |
| B | Depende da ocasião, têm momentos que se faz necessário ajuda-la, outros podemos dar o que ela precisa. |
| C | Espero a criança se expressar e pedir o que ela quer |
| D | Fazer de conta que não estamos vendo não é um bom caminho, porque a criança nesse caso não se sente acolhida. Não devemos forçar nada, mas podemos conversar e explicar o que estamos percebendo e dizer o que podemos fazer para ajudar. |
| Leitura | Os quatro sujeitos citam a questão da criança se expressar naturalmente porém dependendo da situação devemos interferir, mas sempre a explicando que ela é capaz de fazer aquilo, com isso estimulando sua autonomia novamente. E algo importante citado pelo sujeito D é a questão de “fazer de conta que não estamos vendo”, (prontidão de não deixar passar nada), pois a criança não se sente acolhida, precisamos sempre nos comunicar com ela, explicando a situação e fazer com que ela entenda. O sujeito C, simplesmente espera. E o sujeito A e B tem o bom senso. |

Quadro 5. O educador e a exposição da criança.

Será que é bom focar/expor aquela criança em publico ou é melhor fazer com que ela sempre faça as coisas individualmente?

| Sujeitos | Respostas |
|----------|--|
| A | Nunca se deve expor uma criança com seus problemas. Pode se fazer assembleias e sempre generalizando as situações problemas, provavelmente ouvindo diversas opiniões, ela consiga se encorajar mais. |
| B | É importante que ela viva os dois momentos o individual e o coletivo. |
| C | Acredito no meio termo. Não é preciso expor a criança e nem deixa-la isolada. Ela precisa se relacionar primeiro com grupos menores, até ganhar confiança. |
| D | Mais uma vez, é preciso avaliar a situação para poder intervir da melhor forma. Exposição pode ou não ser uma coisa negativa. Depende do modo como é feito. Semelhante a explicação da resposta 1. Respeito ao tempo de cada um, atenção se aquele comportamento não é resultado de uma zona de conforto, questões de autonomia e/ou autoconhecimento, tudo deve ser avaliado para uma tomada de decisão por parte do professor. |
| Leitura | O sujeito A, definitivamente acha que não é correto expor a criança individualmente e parte do principio de que é preciso tratar o problema de uma forma coletiva Os sujeitos B e C acreditam nos dois momentos, o individual e o coletivo e que precisa se relacionar primeiro com grupos menores, até ganhar confiança. E o sujeito D primeiro avalia a situação e diz que pode ou não ser negativa, depende do modo como é feito e cita novamente a questão do tempo de cada um. |

2. DISCUSSÃO ARTICULANDO TEORIA E PRÁTICA

Diante da leitura das respostas fornecidas pelos educadores damos início a análise do que encontramos: Vale lembrar de onde partimos: *Compreender o fenômeno da timidez e suas manifestações, tendo em vista favorecer ao educador identificá-lo quando ocorre e o se apropriar de possibilidades de superação, diante de seu compromisso com o aprendizado e desenvolvimento do educando.*

Os sujeitos entrevistados se mantêm com falas coerentes, nenhuma das respostas dadas soa como algo impossível de se priorizar, pelo contrário, soam como respostas francas, repleta de dúvidas e aflições que competem ao ser humano.

Na hora de analisar mantivemos a postura de levar em conta que todos que estão sujeitos a erros e que não há uma resposta certa para as questões. Devemos fazer uma leitura dosando a inclinação das respostas que levam em conta a formação das crianças ou as particularidades do educador.

Em suma, percebemos que os sujeitos A e D tiveram a postura de um educador com mais experiência devido a mais tempo de profissão. Enquanto B manteve uma postura de caráter mais pessoal e C, foi onde percebemos um grande risco, pois de acordo com suas repostas percebe-se uma possível perda de foco à criança.

A ética da qual falamos se apresenta quando vemos a seriedade com que os sujeitos se colocam, trazem valores principalmente nas questões iniciais quando começamos a conhecê-los. A família, a vocação, a vontade de ensinar e construir, são valores que fazem parte deste educador.

Em todas as questões feitas percebemos que os sujeitos A e D tem a preocupação de saber o histórico daquela criança. Quem é ela, de onde ela vem que é sua família, como ela se comporta em casa, e trazer assim um diagnóstico mais preciso para poder lidar com mais certeza.

Quando entramos na área do *educador e as amizades da criança*, vemos como que os professores agem na situação em que uma criança não esteja conseguindo fazer amizade por conta de sua timidez. Todos os sujeitos, menos o C disseram que eles ajudam diretamente, chamando-a para brincar,

tentando fazer duplas ou grupos e sempre respeitando seu tempo. Porém o sujeito C afirmou que ajudaria apenas indiretamente.

Os autores estudados mencionam a importância da busca pela autonomia da criança em seu processo de “hominização, socialização e singularização” (CHARLOT, 2010). De acordo com o quadro quatro, quando tratamos do assunto *O educador e o estímulo a autonomia* percebemos que o sujeito C, espera a criança pedir o que ela quer. “O educador prepara o palco, mas a ação precisa ser da criança” (CHARLOT, 2010). Precisamos saber quando agir e quando deixar a criança agir por si. Em várias situações, a criança precisa de uma atenção especial. Existem diversos momentos que ela vai precisar da nossa ajuda e nunca devemos fingir que não estamos vendo, como cita o sujeito D no quadro quatro, pois a criança não se sente acolhida, precisamos nos comunicar com ela, explicando a situação e fazer com que ela entenda.

Para MORENO (1975), *Matriz de Identidade* é o lugar onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com outros objetos e pessoas dentro de um determinado clima. Este meio é constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos. “Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança”. (MORENO, 1975, p.112). Daí a importância de lançarmos um olhar sobre ela.

Então, quando tratamos de assuntos como expressões da criança, amizades, disputas, estímulo a autonomia e a exposição, precisamos ter a noção de que são assuntos muito sérios, e que se tratados de forma incorreta, poderá trazer prejuízos a criança.

Quando tratamos das disputas, algo que acontece diariamente com as crianças, a fala do sujeito C, foi a qual me chamou a atenção, quando ele diz que ela conversa com a criança explicando que ele tem o mesmo direito que todos os outros amigos. Fiquei surpresa com essa resposta, pois esse sujeito é sempre o que se acomodava nas situações, e sempre esperava algo acontecer mesmo sem suas mediações, e nessa resposta, foi a primeira vez que ele falou sua atitude.

De acordo com Rogers é necessário o pré-requisito do *autoconhecimento a confiança e aceitação* de outra pessoa, como individuo digno e valioso, e isso nos percebemos nas respostas.

As leituras dos depoimentos levam-nos acreditar que a timidez e como lidar com ela, são de extrema importância para os sujeitos. Sempre avaliando a situação, suas origens e tentando mediar da melhor forma possível, sem fazer tudo pela criança, respeitando seu tempo, mas quando necessário saber agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARLOT, Bernard – *Da Relação com o Saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MARTINS, Joel e **BICUDO**, Maria Aparecida V.- A pesquisa qualitativa em Psicologia- fundamentos e recursos básicos. São Paulo: EDUC/ Moraes, 1989.

MIHOLAN, Frank e **FLORISHA**, Bill - *Skinner x Rogers- Maneiras contrastantes de encarar a educação*. 1978

MONJAS, Inês e **CABALLO**, Vicente - *Psicopatologia e Tratamento da Timidez na Infância*- Cap. 11, in Caballo, Vicente e Simón, Miguel Ángel (Org) - Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente – Transtornos Específicos. São Paulo: Santos, 2010.

MORENO, Jacob Levy- *Psicodrama* São Paulo: Cultrix, 1975

PUTTINI, Escolástica F. in Puttini, Escolástica F.e Lima, Luzia M.F. (Org) *Ações Educativas – Vicências com Psicodrama na prática Pedagógica* São Paulo: Ágora, 1997

FÁDIMA, James e **FRAGER**, Robert – *Teoria da Personalidade*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979

ROGERS, Carl - *Liberdade para Aprender*. 3 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1975

REVISTA SUPER INTERESSANTE. Ed. 324 Outubro, 2008

OBRAS CONSULTADAS

CARLINI, Alda Luiza, **VIEIRA**, Maria Celina Teixeira e **ELIAS**, Marisa Del Cioppo. (Coordenadoras) **Orientações para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012

CASARES, M.I.M. & Caballo, V.E. (2000). A Timidez infantil. Em E.F.M.Silvares (org.). *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil*, pp.11-40. Campinas: Papyrus.

CONTE F.C.S. & Regra, J.A.G. (2000). A psicoterapia comportamental infantil: novos aspectos. Em E.F.M.Silvares (org.). *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil*, pp. 79-136. Campinas: Papirus.

Del Prette, Z.A.P. & Del Prette, A. (2005). Base conceitual da área das habilidades sociais. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*, pp. 30-40. Petrópolis, RJ: Vozes.

FREIRE, Paulo- *Pedagogia da autonomia- Saberes necessários á pratica educativa*. 24 ed. Rio de Janeiro 2002

SOUZA, C.R. & Baptista, C.P. (2001). Terapia cognitivo-comportamental com crianças. Em B.Rangé (org.). *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria*, pp. 523-534. Porto Alegre: Artmed Editora.

.http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000600007&lang=pt - Acessado em 24 de abril de 2013.

Anexo 1 Tabela A - Dados do sujeito

| Dados | A | B | C | D |
|----------------------------------|--------------------|---|---|-------------------------------|
| Idade | 46 | 29 | 25 | 49 |
| Graduação | Pedagogia | Pedagogia | Pedagogia | Pedagogia |
| Outros cursos | Pós psicopedagogia | Pós Graduação: Instituto Singularidades | | Pós-graduação- Psicopedagogia |
| Experiência docente. -Estagio | Curricular | Colégio I L Peretz, Renascença. | Estágios: Escola Vera Cruz (2007), Clube "A Hebraica" (2007), Colégio Renascença (2008) | Auxiliar de classe |
| -Inicio | 1988 | 2007 | 2010 | 1988 |
| -Faixa etária | 4 anos | 4 anos | 02 à 07 anos | 3 e 4 anos |
| -Ingresso na escola | 1994 | 2006 | 2010 | 1994 |

Anexo 2- Instrumento- Roteiro de Entrevista.

A criança tímida

Reconhecendo desafios e caminhos de superação

I. Dados de Identificação.

Nome:

Graduação:

Outros cursos:

Experiência Docente:

Estagio:

Início:

Faixa etária:

Ingresso na escola:

II. Questões Disparadoras

1. Quando você vê uma criança que não esteja conseguindo se expressar, como você reage? Interfere, ou deixa com que ela consiga se expressar no tempo dela?
2. Se ela não estiver conseguindo fazer amizades como você reage? É melhor interferir ou deixar que ela vença essa dificuldade aos poucos e sozinha?
3. Se você percebe que ela deixa de conseguir as coisas como, por exemplo, um brinquedo porque outra criança arrancou de sua mão e ela não reage e apenas vai embora deixando com que sempre os outros ganhem como fazer?
4. Quando você percebe que a criança está necessitando de algo, mas não consegue como reagir? É melhor forçar para que ela fale ou fazer o que ela necessita (porque você sabe) mesmo sem ela dizer nada?
5. Será que é bom focar/expor aquela criança em público ou é melhor fazer com que ela sempre faça as coisas individualmente?

Anexo 3-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa: A CRIANÇA TÍMIDA - reconhecendo desafios e caminhos de superação
2. A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
3. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
4. O Objetivo Geral deste estudo nesta etapa é: *Compreender o fenômeno da timidez e suas manifestações, tendo em vista favorecer ao educador identificá-lo quando ocorre e o se apropriar de possibilidades de superação, diante de seu compromisso com o aprendizado e desenvolvimento do educando.*
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um depoimento.
6. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
7. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.
8. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados do pesquisador, e seu orientador podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadoras de I.C.

Nome: Tathiana Megrich
Telefone: 9 75094100
E-mail:
Assinatura:.....

Pesquisadora-Orientadora.

Profa. Dra. Marília Josefina Marino
tathi_megrich@hotmail.com

Endereço: R. Dr. Homem de Melo,
629/2062.

Perdizes, São Paulo. SP
Telefone: (11) 3864 9785 / 9 9272 3665
E-mail: marilia_marino@uol.com.br

Declaro que entendi o objetivo geral da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____ Quatro _____, de _____ Novembro _____ de 2013 _____

Sujeito da pesquisa